



DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E IMPRENSA:
O RESGATE DA POESIA NA REVISTA *IBIRAPUITÃ*
(1938/1939)

VANESSA OLIVEIRA JULIANI REGINA

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Licenciada em Letras – Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas pela Universidade da Região de Campanha (URCAMP).

Contato: reginavanessa65@yahoo.com.br

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E IMPRENSA: O RESGATE DA POESIA NA REVISTA *IBIRAPUITÃ* (1938/1939)

Vanessa Oliveira Juliani Regina

RESUMO: Este artigo integra parte da dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande, inserida na linha de pesquisa Literatura Sul-Rio-Grandense, e tem como *corpus* de análise a revista alegretense *Ibirapuitã-Mensário de Sociedade, Literatura e Arte* e sua produção poética, especificamente, a veiculada em sua fase inicial de circulação, compreendida entre os anos de 1938 e 1939, totalizando quinze volumes. Para tanto, no presente artigo, serão expostas observações preliminares acerca da poesia presente nos dois primeiros números do periódico na tentativa de se compreender a configuração literária neste impresso e sugerir uma possível tematização. A seleção de poemas e autores obedece aos critérios de organização cronológica e ocorrência/frequência de publicação.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; imprensa; Revista *Ibirapuitã*; poesia.

DIALOGUES BETWEEN LITERATURE AND THE PRESS: THE POETRY'S RESCUE IN *IBIRAPUITÃ'S* MAGAZINE (1938-1939)

ABSTRACT: This paper is part of a Master's research in History of Literature which is being developed at the Federal University of Rio Grande, inserted in the line of Sul-Rio-Grandense Literature. It has as analysis corpus the alegretense *Ibirapuitã-Monthly Publication of the Society, Literature and Art's* magazine and its poetries, more specifically, the ones published in its initial phase of circulation, between the years of 1938 and 1939, resulting in fifteen volumes. So, in this paper we will introduce some observations about the poetry present in the first two issues of the magazine in an attempt to understand the setting in this literary form and suggest a possible thematization. The selection of poems and authors follows the criteria of chronological organization and occurrence / frequency of publication.

KEYWORDS: literature; press; Magazine *Ibirapuitã*; poetry.

INTRODUÇÃO

Este artigo integra parte da dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande. A partir da utilização de fontes primárias como campo de pesquisa, optou-se pela escolha do periódico *Ibirapuitã-Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*, criado em 1938, na cidade de Alegrete, por representar veículo de publicação responsável pela divulgação de autores locais bem como os já canonizados pelo sistema literário sulino, e propulsor de considerável efervescência cultural, imprescindível para a construção da memória cultural e literária da cidade. Para tanto, no presente artigo, serão expostas observações preliminares acerca da poesia presente nos dois primeiros números do periódico na tentativa de se compreender a configuração literária neste impresso e sugerir uma possível tematização. A seleção de poemas e autores obedece aos critérios de organização cronológica e ocorrência/frequência de publicação.

REVISTA: FONTES PRIMÁRIAS E A IMPRENSA LITERÁRIA

Fontes primárias constituem objeto e fonte de pesquisas literárias, na reconstrução não apenas de um determinado espaço-temporal, em que verificamos historicamente seu contexto cultural e social, como também da história literária, permitindo estabelecer a formação de seu sistema e fixação de seu cânone, e desmarginalizar textos excluídos pela própria tradição. Segundo Zilberman (2004, p.15), fontes primárias são aquelas que “[...] constituem, em princípio, matéria da história, que constrói uma narrativa a partir dos documentos do passado.”. São os resquícios desse passado não problematizado que se transformam em objeto potencial para o resgate de textos literários muitas vezes esquecidos e desvalorizados pela tradição, tal qual afirma Bordini (2004, p.201):

Fontes primárias são de caráter vestigial, ou seja, sinalizam algo que já não é, cujo advento ocorreu em dimensão temporal da vida de um escritor, da vida de algum outro sujeito histórico relacionado com o evento literário, do processo da produção, recepção de uma obra, com todos os agentes e objetos nele envolvidos, mesmo que esse momento seja contemporâneo.

Com a crise do paradigma da Teoria da Literatura a partir do século XX, em que a obra literária passa a ser problematizada para além dos limites do objeto físico

livro, as fontes primárias sinalizam novas opções para a compreensão do produto literário, no entanto, afirma Zilberman (2004, p.15):

A Teoria da Literatura tende a abrir mão deste material, ao privilegiar o produto final, a obra publicada, em detrimento de suas origens e processo de criação. A História da Literatura acabou acompanhando essa escolha, alinhando no tempo o produto legitimado pela Teoria. Por não percorrer o caminho de volta, que levaria da obra publicada às suas origens e repercussão, a História da Literatura des-historiciza seu objeto; com isso, contradiz sua natureza e acaba por fornecer à Teoria um objeto desmaterializado, um ser ideal a que não corresponde algo concreto. As fontes primárias apresentam-se na contramão desse processo: são concretas, materiais e palpáveis. [...] E suscitam uma reflexão do conhecimento, uma vez que elas não se explicam por critérios de especificidade e valor.

Com esta configuração na compreensão da obra literária pela Teoria e História da Literatura, as fontes primárias promovem importante desconstrução do discurso historiográfico literário tradicional, permitindo ao historiador que se utiliza destas fontes, reescrever parte da história da literatura, preenchendo suas lacunas criadas arbitrariamente por critérios de escolha muitos vezes excludentes e carregados de juízos de valor. O caráter documental das fontes primárias auxilia na construção de uma época em todos os seus aspectos, e a compreensão da literatura também se faz através destes sinalizadores, como afirma Bordini (2004, p.202): “Tudo, enfim, que forneça um suporte material para significar um momento transitório do sistema literário, que possa dar permanência ao tempo que foge e às condições espaciais que se modificam, constituir-se-ia em uma fonte primária para o conhecimento da literatura.”.

A pesquisa através de algumas fontes primárias, como jornais e revistas, caracteriza o chamado periodismo literário, a partir do século XVII, na tradição européia. A edição de textos literários nestas publicações valida a relação existente entre literatura e imprensa, fazendo do jornal e da revista veículos propulsores do fazer artístico, oportunizando a divulgação de autores. Segundo Martins (2002, p. 39),

[...] a existência do periodismo ancorava-se em agremiações e/ou grupos que se queriam colocar. [...] Jornais, e em seguida, revistas, tornaram-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata e às revistas temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as últimas descobertas sobre as matérias abordadas. [...] o novo gênero periódico passou a ser disputado por escritores reconhecidos, que tinham nas páginas avulsas do jornal e da revista, o espaço alternativo para divulgação de seus escritos.

Ao nos reportarmos ao estudo de uma das fontes primárias que caracterizam o objeto desta pesquisa, a revista, Ana Luiza Martins (2002, p.46 apud ROCHA, 1985, p.25) aponta-nos uma definição para o impresso, diferenciando-o do livro:

[...] é um tipo de publicação que, depois de re-vista, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fóra. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera. [...] Essa efemeridade [...] tem a ver com sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo], a revista é [pode ser] mais frágil em termos de duração material. [...] é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição dum revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa que um livro. [...] uma revista é quase sempre uma manifestação dum criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas exceções, costuma ser produzido por um só autor [...]

A revista configura, segundo Martins (2002, p.46), fonte de conteúdo documental, pois é reflexo da sociedade que a consome; e os objetivos deste tipo de publicação se transformam de acordo com seu contexto de produção:

Insista-se que o caráter fragmentado e periódico da revista é seu traço recorrente, imutável nas variações geográficas e temporais onde o gênero floresceu, resultando sempre em publicação datada, por isso mesmo de forte conteúdo documental. Quanto a seus objetivos, variaram ao longo do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de gestação e circulação, cabendo apreendê-los, reafirmamos, nos contextos próprios de sua existência, ao seu tempo cultural, revelador da variedade de seus propósitos.

Para Martins (2002, p.43), quanto às variações temporais do impresso revista ao longo dos anos, no seu contexto de produção e recepção, surgem os *hebdomadários* e os *magazines*, formatos diferenciados e com público leitor diversificado, assim conceituados pela autora:

[...] suas variações no tempo, presididas por circunstâncias de produção (técnica) e recepção (público), conferiram-lhe traços temporais específicos, mutáveis diante das transformações da sociedade à qual serviu. Nesta trajetória, o surgimento, a partir de 1758, dos *hebdomadários*, publicações de periodicidade semanal precisa, de cunho informativo técnico e político, e, por volta de 1776, do *magazine*, a revista ilustrada por excelência, representativa de uma demanda de caráter ligeiro e de teor fortemente publicitário [...]

Com a configuração deste tipo de publicação no Brasil, no início do século XX, em meio a grandes dificuldades de edição, haja vista a precariedade das gráficas, um público leitor reduzido e situação cultural desfavorável, vários autores se utilizaram das páginas da imprensa para divulgarem seus textos e conquistarem novos leitores,

fazendo do periódico revista grande aliado na consolidação de um sistema literário brasileiro, se pensado a partir do resgate desses textos em fontes primárias.

REFLEXÕES INICIAIS: POSSÍVEIS TEMATIZAÇÕES DA PRODUÇÃO POÉTICA NO PERIÓDICO IBIRAPUITÃ

Criado pelo jornalista e poeta Felisberto Soares Coelho, sob a gerência de Emílio Lopes, no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Alegrete em 1938, o periódico *Ibirapuitã- Mensário de Sociedade, Literatura e Arte* apresenta caráter de revista, por se constituir dos mais variados gêneros textuais, como artigos, ensaios, resenhas críticas; além de textos de outra ordem e sessões tais como coluna social, anúncios publicitários, traduções, dados estatísticos e um espaço destinado à correspondência dos leitores. Já no âmbito literário, além de poemas, também publicava crônicas e contos.

A periodicidade da revista era mensal, porém, sendo publicada muitas vezes bimestralmente, com um corpo editorial bastante diversificado que vai se modificando ao longo das edições. Em sua fase inicial, nos anos 30, possuía tipografia própria, Tipografia Tupi, e após longa interrupção em sua circulação, aproximadamente 30 anos, volta a ser relançada nos anos 60 e 70 por outra revista cultural alegretense intitulada *Cadernos do Extremo Sul* (1953), dirigida pelo poeta Hélio Ricciardi.

A abrangência de sua circulação alcançava, além do âmbito local, na cidade de Alegrete, outros municípios do interior do Estado, bem como a cidade do Rio de Janeiro, já que uma de suas edições chega às mãos de Monteiro Lobato que aprecia os poemas de Quintana e elogia a iniciativa dos autores gaúchos interioranos, endereçando-lhe uma carta, publicada na íntegra pela revista. Outros países vizinhos à fronteira também colaboram de forma significativa com a publicação, dentre eles, o Uruguai, representado pelo poeta Marcelino Pérez. Este percurso de publicação fora do reduto local, certamente, se fez pelas mãos dos leitores deste periódico.

Na primeira edição da revista *Ibirapuitã- Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*¹, já podemos constatar, através do seu pomposo editorial, que o periódico pretende oferecer à pacata cidade do interior, uma publicação não apenas constituída por assuntos diversificados, com o intuito de promover o entretenimento de seu público, mas também, um veículo de caráter cultural e literário que possa renovar as diretrizes de sua

¹COELHO, Felisberto Soares. *Ibirapuitã Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Janeiro, 1938. Ano I: Número 1.

produção artística local e congregar intelectuais de todas as bases ideológicas. Percebemos também o orgulho de seu passado histórico, já que Alegrete, à época da Revolução de 1835, tornou-se a terceira capital farroupilha, aparentemente motivo de ufanismo para os seus editores, também dispostos a alcançar outras terras com seu periódico, deixando nas mãos do tempo sua perenidade. Para Coelho (1938, p.2):

Ibirapuitan, revista que arranca de um Rincão Gaúcho e leva para alongadas Terras o Pensamento e a Cultura da Gente Farrapa, prodigalizando à civilização um pedaço da Beleza e da Bondade que moram na Alma e no Coração dos Guascas [...] e desse esforço e desse propósito que diga, quando chamado a contas, o velho Tempo, - Cronista- Rei da História e da Lenda, - presente sempre ao nascimento e morte de Homens e Coisas, de animais e plantas.

Iniciativa ousada para época, já que a configuração política, econômica e social não é das mais favoráveis. Estamos na conturbada década de 30, tomada por conflitos revolucionários no Brasil e no Rio Grande do Sul; tais como a Revolução de 30, Revolução Constitucionalista de 32, Intentona Comunista de 35 e o Levante Integralista de 38, bem como a nível mundial, com o prenúncio da Segunda Guerra.

Reunir colaboradores que problematizem seu local de produção cultural, dando novo fôlego à pesada atmosfera de guerras e revoluções através de uma publicação no interior do Estado, longe dos holofotes da Capital e de seus autores já consagrados, situando-se à margem do sistema literário gaúcho, certamente, não constituiu tarefa das mais simples. Já na primeira correspondência publicada na sessão *Correio Amigo*, do colaborador Oliveira Mesquita, é possível inferirmos acerca desta exclusão e de como esses autores se colocam neste sistema:

Vocês, com a publicação desse mensário de arte e vibração, irão prestar enorme serviço às nossas letras, no interior do Estado. [...] Não querem escrever para as revistas e jornais da capital, certos da prevenção, receosos da manifesta má vontade que sempre houve por parte dos que estão lá em cima contra os que mourejam na planície... [...] (COELHO, 1938, p.36)

Neste primeiro número da revista, o espaço dedicado à literatura vai se configurando de forma não muito organizada, ainda não há uma sessão específica para a publicação de textos literários. Nesta edição, são publicados os seguintes poemas²: *Ou a cidade ou o rio* (1938) de Antonio Brasil Milano; *Soneto VII* (1938) de Mário Quintana; *A Carreteada Farrapa* (1938) de J. O. Nogueira Leiria; *Mãos* (1938) de Felisberto Soares Coelho; *Ibirapuitã* (1938) de Maria do Carmo Thomas; *Versos*

para um tordilho chamado *Mohomet* (1938) de Tirteu Rocha Viana. Imensa variedade de temáticas e estilos perfazem as publicações do periódico, de escritores posteriormente reconhecidos pela crítica, como Mário Quintana, que passa a assinar uma coluna na revista, intitulada “De Rebus Pluribus”, a partir de 1939, junto a autores praticamente anônimos.

Já no segundo número da revista³, a produção poética se apresenta mais organizada, ocupando uma coluna específica, apesar de contar ainda com poemas dispersos pela revista, entremeadas ao longo da edição por textos de outra natureza. Este número já apresenta o nome dos colaboradores e seus respectivos poemas no expediente da publicação, destacando desta forma a importância que o periódico atribui ao gênero poético. Nesta edição constam publicações de Gerson Neves com *Povo da Lata* (1938); *Luz Interior* (1938) de Maria do Carmo Thomas; *Cantiga para a minha esperança* (1938) de Antonio Brasil Milano; *Caminhos das Missões- Paisagens de além- Ibicuí* (1938) de Juca Ruivo; *Canção das Horas Mortas* (1938) de Hernani de Carvalho Schmitt; *Da Ilha do Paiva* (1938) de Túlio Chaves e *Canção do meio do mundo* (1938) de Mário Quintana.

A partir da seleção destes textos, podemos organizá-los tematicamente, da seguinte forma:⁴ produção poética de cunho regionalista; tempo, memória e infância; a produção de cunho social; imagens do urbano: a construção da cidade; e identidade. Se redimensionados na história literária gaúcha, há textos pertencentes ao movimento romântico; poemas com a estética simbolista, porém com forte influência parnasiana, simbolismo este que, segundo Zilberman (1992, p.74), na poesia do Rio Grande do Sul de forma geral, estende-se até os anos 50; e poucos textos sob influência modernista.

Como representante da temática que congrega tempo, memória e infância, temos o poeta Alegretense Antonio Brasil Milano, que por ora também suscitará poemas de cunho social. Em *Cantiga para a minha esperança* (1938)⁵ o eu – lírico evoca a imagem da infância perdida, rememorando um tempo findo, que não volta mais. Apenas em seu mundo infantil há possibilidade de concretização de suas aspirações, pois o mundo adulto, repleto de responsabilidades, desagua em um conflito interior, provocando um desajuste no indivíduo que se coloca à mercê da efemeridade do tempo.

³ COELHO, Felisberto Soares. *Ibirapuitã-Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*. Janeiro, 1938. Ano I: Número 2.

⁴Essa é uma tematização inicial acerca dos poemas selecionados, com aspectos observados além das duas primeiras edições, caracterizando grande parte do material coletado.

⁵ MILANO, Antonio Brasil. Revista *Ibirapuitã*. Fevereiro, 1938. Ano I: Número 2. p. 8.

Cantiga para a minha esperança

Foi num sonho de criança
que venho minha esperança
num barquinho de papel.

Foi ninada com carinho
nunca saiu do barquinho
que trouxe Papai Noel.

Meu barquinho não descansa,
meu barquinho sempre avança
qual um soberbo batel.

Ele é o barco de um menino
o mundo é tão pequenino
e todo feito de ouropel.

Era uma vez... um barquinho
que voltou no seu caminho
e bem depressa singrou

Me deixou em outra idade,
foi buscar felicidade
e até hoje não voltou..

Já na poesia de Hernani de Carvalho Schmitt, *Canção das horas mortas* (1938), também localizada na mesma temática que o poema anterior, o eu-lírico mostra-se desesperançado tal qual um fim de tarde, a realidade é uma pintura melancólica representada pela contemplação da natureza. A estação outonal se equipara com a tristeza do seu contemplador ao presenciar as pequenas perdas do cotidiano, como a folha que cai, simbolizando a impotência diante da efemeridade da vida.

Canção das horas mortas⁶

Na tristeza augural da tarde que agoniza
como uma emocional rosa de outono,
vejo as folhas que caem
uma por uma,
num lírico abandono
da árvore primeira que se faquiriza.

“As árvores são emoções da Natureza”

⁶SCHMITT, Hernani de Carvalho. Revista *Ibirapuitã*. Fevereiro, 1938. Ano I: Número 2. p. 14.

e, cada folha que cai
é um grito de beleza
no silêncio augural da tarde que agoniza,
é um farrapo de vida que se esvai...

Quando uma folha cai e amarelece e morre
ao leu do vento que a agita
na umidade do pomar,
eu vejo nessa folha uma Saudade.
E que não há-de?
se é um pedacinho da infinita
Alma da Terra
que vem, brilhando,
refletir o Sol e refletir o Luar.
Folha morta! Farrapo de ilusão!
Esquecimento!
dança, folha morta, ao leu do vento,
no seio maternal da terra fria.

Se pensados de acordo com a periodização da historiografia literária, ambos os poemas poderiam ser redimensionados nas estéticas romântica e simbolista, respectivamente, o que leva-nos a pensar, inicialmente, que a produção poética veiculada pelo periódico *Ibirapuitã* se constitua de poetas influenciados pelos movimentos anteriores ao modernismo, tão evidenciado nos anos 30 no que tange à produção literária advinda do centro do país e tão pouco problematizado pela tradição literária sulina.

RECONHECENDO A “LITERATURA PELAS BEIRADAS”⁷: UMA TENTATIVA

O resgate de textos não tão celebrados pelo cânone é ponto fulcral deste artigo, que tenta viabilizar, através do espaço dedicado à literatura em fontes primárias, especialmente o periódico *Ibirapuitã* (1938-1939), a inserção, no sistema literário sul-rio-grandense, de autores gaúchos marginalizados pela tradição. Inscrever esses autores que colaboraram de forma intensa com o periódico na história literária sulina, representa tentativa de reconhecimento das mais árduas e espinhosas para uma produção do interior que se construiu em circunstâncias desfavoráveis, mas que

⁷Refiro-me à expressão mencionada por Marcelo Backes em “*A literatura gaúcha pelas beiradas*”; acerca da produção literária do Estado que não se configura suficientemente bem ao lado da literatura brasileira, com uma gama de autores não reconhecidos por esse sistema; haja vista, a existência de algumas “beiradas” tais como geográficas, editoriais e midiáticas; aspecto que também se observa, em minha opinião, dentro do próprio sistema gaúcho, que muitas vezes exclui a produção do interior.

alcançou projeção nacional e internacional à época, redirecionando-a para outros pampas que não o do esquecimento. Há um visível esgotamento frente aos sistemas literários auto-excludentes, arbitrários e exacerbadamente subjetivos, onde se faz necessária a constante reescrita e releitura da história literária, com lentes de aumento para além de suas esferas centralizadoras. É necessário que o revisionismo que tanto afeta a historiografia literária gaúcha produza, de fato, mudanças visíveis em seu produto e que o cânone seja repensando frente a tantas formas de se fazer história da literatura, isto é, visualizar possibilidades de outras fontes, tal qual a fonte primária, que também se inscreve a margem desta escrita literária.

Porém, como nos diz o poeta Milano (1938, p.8), ainda há uma esperança “Meu barquinho não descansa/meu barquinho sempre avança/Qual um soberbo batel”; uma esperança que, apesar de tudo, não morre, apenas se renova.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKES, Marcelo. A literatura gaúcha pelas beiradas. **Revista Vox XXI**. Porto Alegre, 22 de setembro de 2002.
- COELHO, Felisberto Soares. **Ibirapuitã- Mensário de Sociedade, Literatura e Arte**. Alegrete, Ano I, nº 1, janeiro 1938. Editorial.
- COELHO, Felisberto Soares. **Ibirapuitã- Mensário de Sociedade, Literatura e Arte**. Alegrete, Ano I, nº 1, janeiro, 1938. Correio Amigo.
- MARTINS, Ana Luiza. De Revistas, Hebdomadários e Magazines In: **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2001, p. 111-162.
- MILANO, Antonio Brasil. Cantiga para a minha esperança. **Ibirapuitã- Mensário de Sociedade, Literatura e Arte**. Alegrete, Ano I, nº 2, Fevereiro, 1938.
- MOREIRA, Alice Campos. Acervos de periódicos literários: estatuto, taxionomia e memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PERIÓDICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2003.
- SCHMITT, Hernani de Carvalho. Canção das Horas Mortas. **Revista Ibirapuitã. Mensário de Sociedade, Literatura e Arte**. Alegrete, Fevereiro, 1938. Ano I nº 2.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- ZILBERMAN, Regina; BORDINI, Maria da Glória. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.